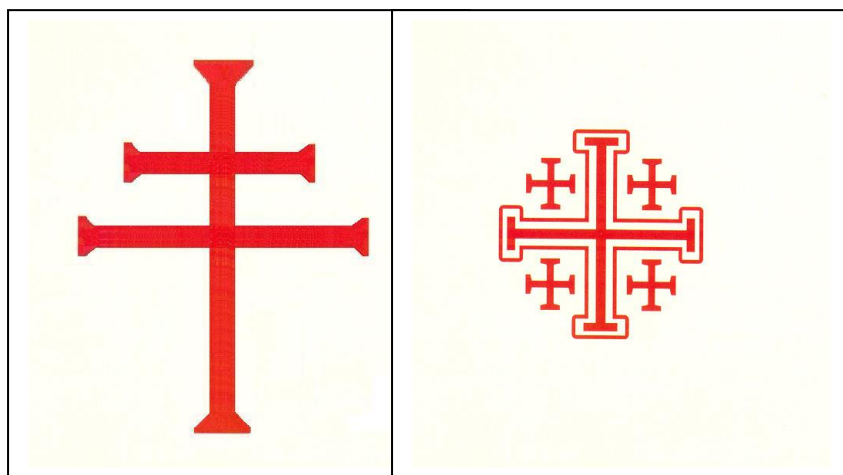


A ORDEM DO SANTO SEPULCRO DE JERUSALÉM 1103 - 2005



Isabel Maria de Moura Anjinho Marques dos Carvalhos

Mestrado em História da Arte

Seminário: “Arte das Ordens Religiosas I”

Docente: Doutor Nelson Correia Borges

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2006

Índice

1	As origens da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém	2
2	O estabelecimento da Ordem em Portugal	5
3	Na actualidade, em Portugal e no mundo: a Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém	6
4	A regra de Santo Agostinho	7
5	Ambos os sexos sob a mesma regra	7
6	Os símbolos da Ordem	7
7	O património arquitectónico e imobiliário, conhecido, da Ordem, em Portugal: vilas, mosteiros igrejas e lugares.....	8
7.1	Vilas.....	8
7.2	Mosteiros	8
7.3	Outras propriedades	10
8	Análise arquitectónica dos principais mosteiros da Ordem do Santo Sepulcro	10
8.1	Mosteiro de Penalva	10
8.2	Mosteiro de Águas Santas	12
9	Arte e arquitectura das ordens monásticas sob a regra de Santo Agostinho, em particular a Ordem do Santo Sepulcro	13
9.1.	Uma escultura de Cristo jacente.	13
9.2.	Um claustro da Ordem.....	13
9.3.	A arte mudéjar na Ordem: abertura a influências externas.	14
9.4.	Tipos distintos de arquitectura da Ordem: planta centralizada. Regionalismos ou influencias da basílica constantiniana?	14
9.5.	Castelos e conjuntos urbanos nos antigos senhorios da Ordem	14
10	Interrogações	14
11	Conclusão	16
12	Fontes e Bibliografia	17
12.1	Fontes	17
12.1.1	Icononímicas.....	17
12.2	Bibliografia.....	17
12.2.1	Livros.....	17
12.2.2	Publicações periódicas.....	18
12.2.3	Artigos	18
12.2.4	INTERNET.....	21

A Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém 1103-2005

1 As origens da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém

Em 325, o primeiro imperador romano cristão Constantino muda a capital do Império para Bizâncio.

Um ano depois, a Mãe de Constantino vai em peregrinação a Jerusalém, e depois de muito procurar¹ encontra o túmulo de Cristo e manda construir a Basílica do Santo Sepulcro².

Muitos anos depois, as perseguições e profanações, ao ponto da destruição da gruta natural que envolvia o túmulo, foram a causa próxima da insurreição dos cristãos da Europa, concretizada nas cruzadas³.

A primeira cruzada, conduzida por Godofredo de Bouillon, libertou Jerusalém a 15 de Julho de 1099⁴.

A devoção ao Túmulo sagrado de Cristo e a necessidade da sua defesa e guarda de honra, levaram Godofredo de Bouillon a instituir em Jerusalém, nos princípios do séc. XII, a Ordem Religiosa do Santo Sepulcro, sob a regra de Santo Agostinho⁵. No início os seus membros eram cônegos seculares (e não regulares, pois mantinham a posse dos seus bens) que viviam em comunidade⁶.

Por outro lado, o reino latino de Jerusalém não tinha estruturas que permitissem a manutenção continuada de um largo exército mercenário, pelo que interessava a criação de corpos militares coesos, disciplinados, que se auto administrassem, firmemente subordinados a um espírito de missão.

¹ Existem narrativas de situações estranhas e milagres nos anais de Eutichio, patriarca de Alexandria em *El Santo Sepulcro en los anales de Eutichio Patriarca de Alejandria (877-940)*, (Heliodoro Morales), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.131.

² *La Basílica del Santo Sepulcro*, (Florentino Díez Fernández), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.349-350.

³ *Terra Santa Querida e Martirizada*, (Padre António Pereira da Silva), “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.68.

⁴ Ibidem.

⁵ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, Lda., 1924, p.11.

⁶ *La Orden del Santo Sepulcro y la vida comum segun San Agustin*, (Luís Casado Espinosa), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.313.

Foi para corresponder a esta necessidade que surgiram as ordens de cavalaria na Terra Santa, que depois tiveram também um importante papel como agentes de interligação cultural entre o Ocidente e o Oriente⁷.

Balduíno, irmão de Godofredo, e sucessor deste como rei de Jerusalém, confirma, em 1103, os “soldados de Jesus Cristo da Ordem do Santo Sepulcro”⁸, com voto de obediência e castidade⁹. O manto era branco, com a cruz e armas que haviam sido instituídas pelos conquistadores da cidade santa, sobre o estômago ou noutra lugar visível¹⁰.

A Ordem do Santo sepulcro é assim anterior à Ordem Templária (1119), tendo no entanto sido ambas fundadas por necessidade de defesa da fé, com o objectivo de repelir os ataques aos lugares santos e dar protecção dos peregrinos¹¹.

Pensamos que a Ordem do Templo seria mais “massificada”, uma vez era útil à sociedade de então o “emprego” dos excedentes demográficos da classe dirigente, em missões que se coadunassem com a ética e usos da nobreza.

O hábito era substituído pela armadura, e os conventos transformavam-se em fortalezas.

Tratava-se também assim, no início, de uma ordem militar ou de cavalaria. Mas, enquanto os templários tinham por missão defender a Terra Santa, os hospitalários assistir e defender os peregrinos, os de São Lázaro acudir aos leprosos, os cavaleiros do Santo Sepulcro eram cónegos escolhidos para orar no Santo Sepulcro e defendê-lo pela força das armas. Estava assim a seu cargo o local sobre todos sagrado: o túmulo de Cristo¹².

No entanto, o reino cristão de Jerusalém foi efémero pois o mundo islâmico não se resignou à vitória dos cruzados e à ocupação de lugares e territórios que se tinham habituado a considerar exclusivamente seus. Em 1187 sofreram uma derrota total sendo obrigados a retirar para Chipre. Quatro anos depois, em 1191, conseguiram regressar à Terra Santa, mas só ao litoral, onde permaneceram um século. De facto, das oito expedições cruzadas, só a primeira alcançou o objectivo de libertar Jerusalém e aí implantar um reino latino¹³.

⁷ *Cavalaria e Ordens de Cavalaria. Justificação histórica e actual*, (Eduardo Norte Santos Silva), “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.53-54.

⁸ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.89.

⁹ Idem, p.90.

¹⁰ Idem, p.89-90.

¹¹ *La Arquitectura de la Orden del Santo Sepulcro en Navarra. Estado de la cuestión*, (Emilio Quintanilla Martinez), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.273.

¹² *Cavalaria e Ordens de Cavalaria. Justificação histórica e actual*, (Eduardo Norte Santos Silva), “Pentacruz”, p.55.

¹³ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.32.

Assim a finalidade da Ordem, a custódia do Santo Sepulcro, espiritualizou-se a partir de 1187, mantendo-se a Ressurreição do Senhor como a razão de ser dos Cónegos de Jerusalém¹⁴.

Com o decorrer dos tempos a Ordem torna-se rica e poderosa.

Em 1489 a Ordem tinha uma enorme dimensão territorial e espiritual que terá despertado a cobiça dos cavaleiros de S. João, tendo o Papa Inocêncio VIII, talvez por sua influência, decretado a sua extinção, unindo-a à Ordem do Hospital, assim como todo o seu património, que à altura era bastante mais importante que o desta¹⁵.

No entanto, e muito por mérito dos cavaleiros que, mesmo cerceados na sua autonomia, continuavam a demonstrar a sua fé e o seu valor, em 1497, Alexandre VI revoga a anterior bula papal¹⁶, readquirindo a Ordem a sua plena autonomia.

No entanto a Ordem do Hospital nunca repôs as comendas e os bens de que haviam tomado posse¹⁷.

Em 1642, Urbano VIII confirma ao Guardião da Ordem da Terra Santa a faculdade de instituir cavaleiros do Santo Sepulcro, prerrogativa que se mantém até 1847, ano em que Pio IX o declara sujeito ao Patriarca de Jerusalém, a quem confirma na dignidade de Grão-Mestre da Ordem Equestre do Santo Sepulcro¹⁸. Podemos assim considerar Pio IX como o refundador da Ordem, restituindo-a à sua função primitiva, mas com uma diferença: a custódia do túmulo de Cristo já não estava confiada à força das armas, mas ao valor dum constante testemunho de fé e de solidariedade para com os cristãos residentes nos Lugares Santos. Foi-lhe assim confiada a especial tarefa “de assistir a Igreja na Terra Santa e de revigorar nos seus membros a prática da vida cristã”¹⁹.

Em 1880, Leão XIII nomeia o Patriarca Latino de Jerusalém Tenente-General do Grão Mestrado, reservando aos pontífices a suprema dignidade da Ordem, prerrogativa que conservaram até aos nossos dias²⁰.

Posteriormente, em 1907, Pio X reforma a Ordem acrescentando às insígnias o troféu militar²¹.

¹⁴ *La espiritualidad de las canonesas regulares del Santo Sepulcro*, (Alix Van Bragt), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.295.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, Lda., 1924, p.14.

¹⁷ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), “Pentacruz”, p.32.

¹⁸ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.15.

¹⁹ *Discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II aos cavaleiros e damas da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém*, “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.21-22.

²⁰ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.16.

²¹ *Ibidem*.

Podemos considerar que a partir deste período a Ordem do Santo Sepulcro redenominada de Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém, entra na sua fase moderna, que perdura até à actualidade, e que será referida em capítulo posterior.

2 O estabelecimento da Ordem em Portugal

É bastante provável que S. Teotónio, primeiro prior do Mosteiro de Santa Cruz tenha sido iniciado pelos Cónegos do Santo Sepulcro nas lides de cavalaria²².

A existência da Ordem em Portugal está documentalmente referenciada desde o primeiro quartel do séc. XII, antes pois da nacionalidade²³.

A entrada da Ordem em Portugal dá-se depois da entrada na Catalunha (1108), é mais ou menos contemporânea com a entrada em Navarra (1120), e anterior à entrada em Aragão (1134)²⁴.

De facto, em 1123, os religiosos já tinham o seu instituto em Portugal, pois nesse ano houve uma deposição de bens a favor do Mosteiro de Pendorada (Alpendurada)²⁵, referindo pertencer ao Santo Sepulcro.

Das inquirições feitas em 1258 por D. Afonso III, consta que D. Teresa doara aos cónegos da Ordem a vila de S. Paio de Gouveia, a do Ladario, a do Lavradio e, com muita probabilidade, a de Paços de Penalva. E sabe-se que a Ordem teria também aumentado o seu património através de outras doações e compras²⁶.

O seu primeiro convento em Portugal terá sido o de Vila Nova de Penalva, que por isso se chamou também Vila Nova do Sepulcro e Vila Nova do Mosteiro, na margem do rio d'Om (Dão), na freguesia de S. Salvador de Trancozelos. Ainda lá existe a Igreja, cujo orago era Santa Maria de Águas Santas, e (talvez) alguns vestígios do convento, no interior de grande quinta, outrora pertença da comenda de Cezures: Quinta do Mosteiro ou Quinta de Santa Maria de Águas Santas²⁷.

²²De facto, há referências a eles nos escritos que lhe são atribuídos quando resolveu deixar as cruzadas para levar a cabo a edificação do mosteiro crúzio²², sendo de notar que, tal como os cónegos regulares do Santo Sepulcro²², também os crúzios observavam a regra de Santo Agostinho. Em VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.24 e ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, volume I, Porto-Lisboa, Livraria Civilização-Editora, 1968, p.136.

²³ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), "Pentacruz", p.34.

²⁴ *La Arquitectura de la Orden del Santo Sepulcro en Navarra. Estado de la cuestión*, (Emilio Quintanilla Martinez), "La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio", p.273 e 313.

²⁵ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, volume I, p.135.

²⁶ Idem, p.135, e em *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), "Pentacruz", p.33.

²⁷ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, volume I, p.135.

De notar que a anexação por Malta está bem patente nos limites desta propriedade, uma vez que aparece, várias vezes, a cruz dos hospitalários em marcos de pedra, nos limites da propriedade.

Posteriormente, já no reinado de Sancho I, estabeleceram-se também no Mosteiro de Águas Santas, na Maia.

3 Na actualidade, em Portugal e no mundo: a Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém

Nestas últimas décadas a Ordem tem vindo a retomar as suas funções, adaptadas ao contexto da modernidade e às recentes mudanças estatutárias decretadas pelos últimos Sumos Pontífices²⁸.

A Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém é uma associação de féis cristãos, estabelecida segundo a lei eclesiástica e à qual o Santo Padre confiou a missão especial de ajudar a Igreja da Terra Santa e de reforçar a prática da vida cristã entre os seus membros²⁹.

As actuais preocupações da Ordem prendem-se assim, nomeadamente, com a sua própria componente espiritual, com a educação na Terra Santa (uma vez que dela depende a sobrevivência dos cristãos na Terra Santa)³⁰, com o bem comum, com a pessoa humana, com a justiça, com a paz, ...³¹.

Em Portugal, a Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém tem tido uma actuação de grande dignidade e prestígio, mas com actividade pouco visível³².

As cinco cruces potenciadas ou cruz de Jerusalém constituem o seu emblema, em cor vermelha lembrando o sangue de Cristo³³.

Entre as muitas personalidades que poderíamos destacar dos dignitários portugueses da Ordem, referidos desde 1608³⁴ encontram-se: D. Miguel I (1832)³⁵, a Rainha D. Amélia (dama de 1ª classe)³⁶, D. Carlos I (1907)³⁷, D. Manuel II (1908)³⁸.

²⁸ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), "Pentacruz", 2005, p.34.

²⁹ *Directivas para a renovação da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, no advento do terceiro milénio*, "Pentacruz", Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.104.

³⁰ *Comunicação do Lugar-Tenente aos cavaleiros e damas da Lugar-Tenência de Portugal sobre a consulta de 2003*, (Conde de Rezende), "Pentacruz", Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.88-89.

³¹ *Directivas para a renovação da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, no advento do terceiro milénio*, "Pentacruz", p.104.

³² *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), "Pentacruz", p.34.

³³ *Directivas para a renovação da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, no advento do terceiro milénio*, "Pentacruz", p.121.

³⁴ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.51.

³⁵ Idem, p.53.

4 A regra de Santo Agostinho

Regra de Santo Agostinho alicerça-se na “unidade na caridade”³⁹, sendo os seus seguidores profundamente vocacionados para a contemplação espiritual⁴⁰.

É antes de tudo a busca de Deus, ou interioridade agostiniana, através da vida em comum.

Assim, os elementos essenciais da espiritualidade da Regra de Santo Agostinho são: comunidade (uma só alma e um só coração orientados para Deus), interioridade, pobreza, eclesialidade (a Igreja de Jesus é a rocha sobre a qual se deve construir toda a comunidade religiosa)⁴¹.

5 Ambos os sexos sob a mesma regra

Existem cónegas regulares do Santo Sepulcro desde 1114, praticamente desde o início da Ordem⁴². O Mosteiro de Águas Santas era, inclusivamente dúplice, isto é, com monges e monjas, habitando alas separadas⁴³.

A vida quotidiana estava marcada pela oração em comunidade, no coro, e por horários muito estritos, em que se assinalavam os momentos de silêncio e de palavra, de descanso e de trabalho, e de oração.

Além do coro, também havia outros lugares de intensa vida comunitária: os claustros como lugares de procissão conjunta, e o refeitório. Neste eram feitas leituras a partir do púlpito, e depois de comer iam em procissão novamente para o coro.

6 Os símbolos da Ordem

A sua divisa era inicialmente a cruz vermelha, flor-de-lisada, de duplo travessão, ou patriarcal⁴⁴. Esta manteve-se como a principal da Ordem Canónica.

A potenciada, de Jerusalém, passou a ser a oficial da Ordem Militar, sem anular a patriarcal⁴⁵. Ainda não conseguimos datar este acontecimento.

³⁶ Idem, p.60.

³⁷ Idem, p.57.

³⁸ Idem, p.58.

³⁹ *La Orden del Santo Sepulcro y la vida comum segun San Agustin*, (Luís Casado Espinosa), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, p.320.

⁴⁰ *Dicionário de História religiosa de Portugal (volume J-P)*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Direcção de Carlos Moreira de Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2001, p.56-57.

⁴¹ *La Orden del Santo Sepulcro y la vida comum segun San Agustin*, (Luís Casado Espinosa), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, p.313-320.

⁴² *Historia de la Orden de Canonessas Regulares del Santo Sepulcro*, (Imelda Brenninkmeyer), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.304.

⁴³ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.44.

⁴⁴ *Introducción a la simbología y la heráldica de la Orden del Santo Sepulcro*, (Manuel Monreal Casamayor), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p. 248.

⁴⁵ Ibidem.

A cruz patriarcal é uma cruz latina, de dois braços paralelos entre si, menor o superior, e perpendiculares ao pé. O seu uso como cruz patriarcal ficou regulamentado a partir do séc. XV, com indicação de que só poderia ser usada por cardeais, arcebispos e patriarcas. Recorda a cruz do Calvário, identificando o primeiro travessão com a tabuleta de I.N.R.I. sobre a cabeça de Cristo. A cruz grega de dois braços é também um símbolo de vitória, ostentando ao cimo a palavra NIKE (vitória). O vermelho é o símbolo de sangue e fogo, cor ligada à vida, cor do guerreiro. Os cônegos e cónegas usavam-na em fundo de prata, como que querendo desvincular-se do cunho guerreiro⁴⁶.

A cruz de Jerusalém, chamada também da Terra Santa, quántupla, é uma cruz grega, potenciada, envolta de outras quatro, todas de ouro. Os braços iguais configuram um espaço quadrado, símbolo da cidade ideal, sólida, firmemente fundada nos quatro cantos. As potências estão relacionadas com o apocalipse de S. João como os sinais postos nas casas dos justos, para salvá-los. São pois o sinal dos eleitos de Deus. A cruz de Jerusalém simboliza assim a cidade perfeita, o céu na terra. Esta cruz é de ouro, tendo sido mudada para vermelho pelos sepulcristas, relacionando também as cinco cruces com as chagas sangrentas do Crucificado⁴⁷.

7 O património arquitectónico e imobiliário, conhecido, da Ordem, em Portugal: vilas, mosteiros igrejas e lugares

7.1 Vilas

Vila do Ladário, doação de D. Teresa⁴⁸. Vila do Lavradio, doação de D. Teresa⁴⁹. Vila de S. Paio de Gouveia ou S. Paio da Serra, doação de D. Teresa⁵⁰, freguesia do concelho de Gouveia. Vila dos Paços de Penalva ou V.N. do Sepulcro ou V.N. do Mosteiro, doação de D. Teresa⁵¹, concelho de Penalva do Castelo⁵². Honra de Cezures, também no concelho de Penalva do Castelo⁵³. Há, no entanto, quem aí refira a existência de um mosteiro/colegiada⁵⁴.

7.2 Mosteiros

Mosteiro do Santo Sepulcro de Penalva do Castelo:

⁴⁶ Idem, p.250.

⁴⁷ Idem, p.250-251.

⁴⁸ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, volume I, p.135.

⁴⁹ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), "Pentacruz", p.33.

⁵⁰ Ibidem, p.33.

⁵¹ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, volume I, p.135.

⁵² VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.32.

⁵³ Ibidem, p.32.

⁵⁴ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), "Pentacruz", p.33.

No início da nacionalidade a Ordem do Santo Sepulcro já tinha em Portugal vastos domínios, e até mosteiros e colegiadas, nomeadamente no lugar de Vila de Paços de Penalva⁵⁵. Do mosteiro pouco resta, e da igreja de Nossa Senhora de Águas Santas existem ruínas.

Mosteiro de Águas Santas:

Freguesia do concelho da Maia, distrito do Porto, cujo orago é Nossa Senhora do Ó⁵⁶.

D. Teresa refere-se, num documento de 1120, à igreja de Águas Santas⁵⁷.

A Ordem dispunha aqui de outro importante mosteiro, o de Águas Santas, de traça românica, cuja construção é atribuída, por alguns, aos próprios cónegos cavaleiros, havendo uma inscrição na abside com a data de 1168⁵⁸.

As inquirições de D. Afonso III, em 1258, confirmam que, anteriormente a essa data, o mosteiro já pertencia à Ordem do Santo Sepulcro⁵⁹.

Este mosteiro veio a ser a sede da Ordem em Portugal, com vínculo ao padroado régio⁶⁰. Em 1320, estava-lhe anexado o Mosteiro de Vila Nova⁶¹.

Foi mosteiro dúplice, por viverem nele cónegos e cónegas regantes de Sto. Agostinho, “dentro das mesmas paredes, mas em claustros diversos”, no dizer de D. Nicolau de Santa Maria⁶².

Actualmente, do mosteiro, já nem ruínas existem, nem existiam também em 1866⁶³.

Mosteiro de Alpendurada:

Aparentemente o mosteiro terá pertencido a esta Ordem, durante algum período de tempo, uma vez que existe suporte documental sobre uma doação, em 1123, referindo pertencer ao Santo Sepulcro⁶⁴. Sabemos, no entanto, que S. João de Pendorada foi uma das primeiras casas beneditinas em Portugal⁶⁵.

⁵⁵ Idem, p.33.

⁵⁶ DIAS, José Simões, Portugal e Possessões, s/l, s/e, 1883, p.81.

⁵⁷ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.41.

⁵⁸ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), “Pentacruz”, 2005, p.33.

⁵⁹ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.44.

⁶⁰ *História religiosa de Portugal (volume I)*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Direcção de Carlos Moreira de Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.166.

⁶¹ Idem p.152.

⁶² VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.39-41.

⁶³ *Monumentos nacionais antigos / Igreja de Santa Maria d’ Águas Santas*, (Manoel Bernardes Branco), “O Panorama”, volume XVI, 1º da 5ª série, Lisboa, 1866, p.225.

⁶⁴ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, volume I, p.135, e em, *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), “Pentacruz”, p.33.

⁶⁵ ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, volume I, p.129.

7.3 Outras propriedades

Herdade em Sátão (ou Sattam), concelho pertencente ao distrito de Viseu⁶⁶. Ladario ou Ledario ou Couto do Ladario, vila do concelho de Penalva do Castelo⁶⁷. Igreja de Santa Maria do Sepulcro, em Trancoso⁶⁸. Herdade de Santa Maria de Lijó, em Traz-o-Rio, na freguesia de Lijó, no concelho de Barcelos⁶⁹. Propriedade na freguesia de Santa Eulália de Rio Covo, antiga terra de Faria, no concelho de Barcelos⁷⁰. Casais em Nabainhos, no concelho de Gouveia, distrito da Guarda⁷¹. Casal em Silva, também no concelho de Gouveia, distrito da Guarda⁷².

8 Análise arquitectónica dos principais mosteiros da Ordem do Santo Sepulcro

8.1 Mosteiro de Penalva

O mosteiro está inserido numa vastíssima propriedade de noventa e cinco hectares. Os limites ter-se-ão mantido os mesmos ao longo dos séculos. Existe uma ponte medieval nas imediações a sul do mosteiro, que atravessa um curso de água. Este está, no entanto, a uma cota muito inferior ao mosteiro, e ainda bastante afastado.

A igreja e edifícios anexos estão isolados, configurando um recinto fechado.

A cruz patriarcal está patente no portal da igreja, bem como numa sepultura no interior. Nesta última está-lhe sobreposta uma linha em “zig-zag” (ou ondulada). De referir que em vasos neolíticos esse símbolo representava a água, sendo também o mais velho hieróglifo egípcio para a água corrente. A imersão na água simboliza o regresso ao pré-formal, a regeneração total, um novo nascimento, porque uma imersão equivale a uma dissolução das formas, a uma reintegração no modo indiferenciado da pré-existência. O contacto com a água implica sempre regeneração, assegurando o renascimento *post mortem* por rituais funerários⁷³.

Na certidão de medição e demarcação da Quinta do mosteiro, do arquivo da Casa da Ínsua, encontra-se uma descrição das propriedades da Quinta do Mosteiro⁷⁴. Entre elas o que restava do antigo mosteiro (em 1934): “...tem esta quinta umas casas, que estão no meio dela,

⁶⁶ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.30.

⁶⁷ *Idem*, p.31-32.

⁶⁸ *História religiosa de Portugal (volume I)*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Direcção de Carlos Moreira de Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000, p.171.

⁶⁹ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.38.

⁷⁰ *Idem*, p.39.

⁷¹ *Idem*, p.29.

⁷² *Idem*, p.30.

⁷³ ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, Coleção Coordenadas, 1970, p.232. Os agradecimentos à Colega Inês Borges, que chamou a atenção e forneceu a bibliografia que facilitou a compreensão deste pormenor.

⁷⁴ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, documento 5, p.91.

telhadas e sobradadas, que todas se servem por uma porta grande que fica para sul, defronte à igreja, subindo por uma escada de pedra no cimo da qual está uma varanda telhada e sobradada, e à direita desta está a casa grande que serve de cozinha, com chaminé, e logo junto a esta segue-se outra casa partida pelo meio, com parede e porta, que serve de despensa. E à dita varanda, para poente, segue-se uma casa pequena com forro muito arruinado, com janela para sul, e logo se segue outra casa, pouco maior, a que chamam “casa da tulha”, sobradada e forrada, com o forro algo arruinado, com uma janela para poente com duas grades de ferro, e no cimo da escada para nascente está uma casa telhada e sobradada, onde vive o caseiro, que tem a porta para poente sem repartimento, tem sua loja, e nas costas desta casa está outra casa terrestre que serve de despejos e tem porta para poente, e junto a esta está um coberto com seu forno, e tem serventia para norte, e nas costas dela está outra casa pequena que serve de curral e tem porta para norte, e junto destas, e nas costas das casas chamadas “da tulha”, para sul, está uma casa grande que serve de curral, com dois portais toscos, sem porta. Um portal destes está para nascente, outro para sul, e tem seu pátio tapado sobre si com porteiros toscas tapadas sobre si, e da parte de fora do dito pátio está uma parreira alta para sul, e a dita varanda tem sua loja debaixo com manjedoura. Igreja, móveis dela e ornamentos: junto às casas desta quinta está uma igreja que é de tradição ter sido paróquia, cuja invocação é de Santa Maria de Águas Santas de Vila Nova do Mosteiro, e tem de comprimento, do nascente ao poente, quinze varas, e de largo, do norte ao sul, cinco e meia. As paredes são de alvenaria e o frontispício de cantaria de meio engaste. O corpo da igreja tem forro novo a que chamam guarda-pó, e tem seis linhas que atravessam de parede a parede, a capela mor tem forro novo de escama e tem um campanário sobre a porta principal, com um sino médio de boa voz. A igreja tem um só altar dentro da capela mor e umas grades de pau para dentro, e nela um retábulo de pintura muito desbotado com S. João Baptista e S. João Evangelista, e as almas do purgatório por baixo. O retábulo termina com imagens do Salvador e Nossa Senhora, pintadas, imagens de vulto. Um nicho do mesmo retábulo tem uma imagem de Nossa Senhora de Águas Santas⁷⁵”.

Apresentamos um levantamento topográfico da propriedade denominada de Quinta do Mosteiro, sita no lugar entre S. Romão e Trancozelos, bem como um pequeno estrato do mesmo levantamento, com o conjunto atrás descrito⁷⁶.

⁷⁵ Idem. De referir que o texto foi ligeiramente reformulado para uma linguagem mais actual.

⁷⁶ O levantamento topográfico foi gentilmente cedido pelo actual proprietário Sr. Francisco Assis Gomes de Lemos, e trabalhado pela autora no sentido de facilitar a sua compreensão. Devemos agradecimentos também aos Srs. Dr. José Manuel Henriques pelos contactos no local e envio do respectivo CD-ROM e ao Sr. Dr. Pedro Pina Nóbrega pela visita guiada que facilitou muito a compreensão de tão original espaço.

Talvez valha a pena a comparação com o Mosteiro do Santo Sepulcro da Prelada, na Catalunha, igualmente do séc. XII, do qual também já só resta uma pequena igreja românica, de planta rectangular, de uma só nave, com uma abside circular de menor altura⁷⁷. Este mosteiro a partir do séc. XIII deixou de ter priores próprios, passando a depender do Mosteiro de Santa Ana de Barcelona⁷⁸. Não pudemos deixar de estabelecer algum paralelismo destes dois mosteiros com os dois portugueses.

8.2 Mosteiro de Águas Santas

Há referências de o nome “Águas Santas” poder derivar de uma fonte próxima do templo, da qual também o Mosteiro bebia⁷⁹, e à volta da qual se tecem imensas lendas: do aparecimento de Nossa Senhora do Ó (padroeira da freguesia), de santos aí martirizados, de águas “que curavam”, com um culto paganizante das mesmas, de muitos pagãos aí lavados dos pecados, dos cavaleiros que depois de as beberem ficavam invencíveis, ...⁸⁰. Fonte de que ainda há vestígios nas imediações da igreja, e cuja descrição era: “... formada de uma abóbada oval em toda a amplitude, hermeticamente fechada, dando apenas entrada a aljôfares de puríssima água, que borbulhava no seu fundo, saída de fendas das pedras...”⁸¹.

A igreja, posteriormente alterada⁸², era um templo pequeno de duas naves, pouco vulgar em Portugal, com cinco capelas, e dois pequenos altares no cruzeiro.

Tinha uma única torre sineira do lado esquerdo da fachada, e do lado norte uma pequena porta que leva à sacristia.

O seu pórtico principal compreende quatro arquivoltas, sobrepostas e recuadas, firmadas em outros tantos pares de colunas.

O pórtico é praticamente idêntico ao da igreja românica de Santiago d’Antas em Famalicão (também igreja de mosteiro, mas da Ordem do Templo), excepto o tímpano que esta última possui⁸³.

Existe uma carta de D. Teresa que se refere à igreja em 1120, como dependente do bispo do Porto⁸⁴. Está também referenciado, no catálogo dos bispos do Porto, que em 1130 havia neste mosteiro cônegos com o seu prior⁸⁵.

⁷⁷ *La vocación al Santo Sepulcro en Cataluña: monasterios, iglesias y advocaciones*, (Josefina Arribas Vinuesa), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.215-216.

⁷⁸ *Idem*, p.216-219.

⁷⁹ *Monumentos nacionais antigos / Igreja de Santa Maria d’Águas Santas*, (Manoel Bernardes Branco), “O Panorama”, volume XVI, 1º da 5ª série, Lisboa, 1866, p.225.

⁸⁰ www.jf-aguassantas.org/toponimo.htm, 26 de Novembro 2005, 23.50h.

⁸¹ www.jf-aguassantas.org/toponimo.htm, 26 de Novembro 2005, 23.50h.

⁸² Verificamos que já estava no mesmo estado em 1918, através da descrição feita em *Portugal Pitoresco*, “Ilustração Portuguesa”, 2ª série, 1º semestre, Lisboa, 1918, p.198.

⁸³ *A igreja românica de Santiago d’Antas (Concelho de Vila Nova de Famalicão)*, “Ilustração Moderna”, 4ºano, número 31, Porto, 1929, p.295-296.

⁸⁴ *Ibidem*.

Talvez valha a pena uma comparação com o Mosteiro de Santa Ana de Barcelona, na Catalunha, igualmente do séc. XII, da mesma época, e pelas razões atrás expostas⁸⁶.

9 Arte e arquitectura das ordens monásticas sob a regra de Santo

Agostinho, em particular a Ordem do Santo Sepulcro

Uma vez que os exemplos arquitectónicos da Ordem do Santo Sepulcro são escassos em Portugal, lançaremos mão dos exemplos da Catalunha, Navarra e Aragão, já mais estudados.

9.1. Uma escultura de Cristo jacente.

No Mosteiro da Ressurreição em Saragoça existe uma escultura, em madeira, representando Cristo no sepulcro, que apresenta claras semelhanças com o Santo Sudário de Turim, muitas vezes reproduzido em desenho e tela.

Esta escultura equivaleria, para a Ordem Canónica do Santo Sepulcro, à presença constante do seu motivo fundacional⁸⁷.

9.2. Um claustro da Ordem

O claustro segue normalmente a orientação da igreja que lhe é contemporânea. Em termos de dimensões e decoração, não poderemos tomar por exemplo o da Colegiada do Santo Sepulcro de Calatayud. De facto, apesar de se tratar de um arquétipo dos claustros aragoneses medievais, construídos por esta Ordem⁸⁸, tem uma grande inspiração mudéjar. A dificultar a comparação, a sua grande dimensão e o facto de não conhecermos (ainda) qualquer exemplo no nosso País. Muito provavelmente os claustros portugueses seriam muito mais pequenos. As quatro galerias têm abóbadas simples de ogiva cruzada, cada uma com cinco tramos. As chaves das abóbadas são cilíndricas, sem decoração. As galerias são abertas ao centro para o pátio, com três arcos ogivais por lado. A separação destas para o pátio é feita através dum murete. Sobre estas galerias existe, neste caso em particular, um piso superior⁸⁹.

Os arcos interiores apoiam acima do chão, sobre mísulas na parede interior e sobre colunas, adossadas aos pilares. A decoração dos capitéis é simples. Há oito contrafortes, de ambos os lados dos arcos centrais exteriores, que penetram no pátio⁹⁰.

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ *La vocación al Santo Sepulcro en Cataluña: monasterios, iglesias y advocaciones*, (Josefina Arribas Vinuesa), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.216-219.

⁸⁷ *Relación del Cristo yacente del monasterio de la Resurrección de Zaragoza, con la Sábana Santa o de Turín*, (Braulio Manzano Martín), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.241-244.

⁸⁸ *El Claustro del Santo Sepulcro de Calatayud*, (Agustín SanMiguel Mateo), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.292.

⁸⁹ Idem, p.285.

⁹⁰ Ibidem.

As galerias superiores têm menor altura, e são abertas para o pátio. Sobre os vãos uma banda decorativa, e sobre ela uma cornija⁹¹.

9.3. A arte mudéjar na Ordem: abertura a influências externas.

Encontramo-la nomeadamente em Nossa Senhora de Tobed, em Aragão, da segunda metade de XIV, uma das casas mais importantes da Ordem, na qual se realizaram vários capítulos gerais. Podemos assim concluir que a arte e a arquitectura da Ordem estava aberta a influências externas⁹².

9.4. Tipos distintos de arquitectura da Ordem: planta centralizada. Regionalismos ou influências da basílica constantiniana?

Nomeadamente em Navarra, encontra-se um tipo de edificações que leva a pensar que nesta região tenha havido uma arquitectura própria e característica da Ordem, de planta centralizada, no caminho de Santiago.

Talvez estas edificações tenham, na origem, a função de hospitais ou cemitério de peregrinos. São exemplos: a Igreja do Santo Sepulcro de Torres do Rio (1160-1170), corpo octogonal, cúpula em forma de estrela de oito pontas; a Igreja de Santa Maria de Eunete (1170), octogonal; a Igreja do Santo Sepulcro de Estella (finais de XII), planta centralizada.

Também na Catalunha há exemplos de igrejas de planta circular numa imitação do Santo Sepulcro de Jerusalém, por exemplo o Santo Sepulcro de Olérdola⁹³.

9.5. Castelos e conjuntos urbanos nos antigos senhorios da Ordem

Nomeadamente em Aragão, a Ordem dispunha de vários castelos, como exemplo: Nuévalos e Torralba dos Frades. Bem como de conjuntos monumentais: palácio dos Comendadores em Tobed, etc.

Este património era, na generalidade, resultante de doações dos seus habituais protectores: os monarcas e imperadores⁹⁴.

10 Interrogações

- a) A escolha para a defesa do Santo Sepulcro obedeceria a que critério? De bravura? Não poderiam ter sido escolhidos cavaleiros templários?
- b) O estranho silêncio que rodeia esta ordem não poderá derivar de uma certa confusão com a Ordem do Templo, corroborada pelo património conhecido em Portugal ser

⁹¹ Idem, p.286.

⁹² *La Orden del Santo Sepulcro y el arte mudejar: Nuestra Señora de Tobed*, (Caty Gallardo Molina), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.223.

⁹³ *La vocación al Santo Sepulcro en Cataluña: monasterios, iglesias y advocaciones*, (Josefina Arribas Vinuesa), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.208-210.

⁹⁴ *Castillos y conjuntos urbanos en los antiguos señorios de la Orden del Santo Sepulcro en Aragón*, (Cristóbal Guitart y Aparicio), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.234-238.

muito menor relativamente ao dos templários⁹⁵? Por outro lado, Frassoni⁹⁶ refere que a dada altura existiam 1100 cavaleiros sepulcristas, 150 do templo, 50 joanitas. E Bosio, historiador de Malta, afirma que, na corte do rei de Jerusalém, deveria haver sempre 100 cavaleiros da Ordem para o acompanhar nas expedições contra os infiéis⁹⁷.

- c) Rezende⁹⁸ refere a diluição da presença da Ordem do Santo Sepulcro, bastante forte de início. Então, porque não aparece mais documentada, ombreando com as demais ordens militares? O património conhecido é bastante diminuto, comparativamente com as outras. A ter razão, tal facto deixa supor um desconhecimento quase total do começo da Ordem em Portugal.
- d) Em Portugal terá sido unicamente uma ordem religiosa, deixando de parte a componente militar? No entanto está documentada a sua presença na tomada de Silves ao lado do Rei⁹⁹.
- e) Porquê esta Ordem não se espalhou mais? Terá caído em desgraça? Inicialmente dependia de quem? De algum mosteiro em Espanha, onde estava mais implantada? Directamente do Papa? Directamente do Rei? São curiosas as suas prerrogativas iniciais¹⁰⁰: legitimar bastardos, mudar de nome de baptismo, possuir bens eclesiásticos mesmo casados, vestir seda e veludo¹⁰¹. E acrescentava ser a Ordem apelidada de “sagrada” (origem religiosa), “canónica” (com monges), “hospitalária” (dispunha de três hospitais em Jerusalém), “militar”, “real”, “pontifical”, “hierosolymita” (nascida em Jerusalém)¹⁰². E, ainda, que selavam os documentos com cera branca, enquanto que os joanitas com preta, os lazarenos com verde e os templários com vermelha¹⁰³.
- f) A fusão foi com a Ordem de Malta porque razão? Os seus objectivos seriam, na altura muito mais próximos desta ordem? Interessava ao Papa que as ordens estivessem concentradas para serem mais fortes? Foi unicamente influência dos cavaleiros de S. João sobre o Papa¹⁰⁴? No entanto o Conde Pasini-Frassoni¹⁰⁵ fala de anexação parcial,

⁹⁵ De facto, por vezes os sepulcristas intitulavam-se “do Templo”, por nele se situar o Sepulcro do Senhor, em VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, p.44

⁹⁶ PASINI-FRASSONI, Comte F., *L’histoire de l’Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*, Rome, Collège Héraldique, Institut Héraldique Romain, 1908.

⁹⁷ Idem, p.3.

⁹⁸ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005.

⁹⁹ Informação gentilmente cedida pelo Srs. Dr. João Fonseca e Dr. Pedro Pina Nóbrega.

¹⁰⁰ PASINI-FRASSONI, Comte F., *L’histoire de l’Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*.

¹⁰¹ Idem, p.22.

¹⁰² Idem, p.24-25.

¹⁰³ Idem, p.59.

¹⁰⁴ *Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal*, (Conde de Rezende), “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005.

bem como da modificação do tratamento dos Piores de Malta que antes dela se denominavam *Humilis Prior Hospitalis Sti Joannis*, passando a designar-se depois dela *Magister Ordinis Militaris SSmi Sepulchri*, e não *Magister Ordinis Sti Joannis*, como seria de esperar¹⁰⁶.

- g) Terá sido feita alguma pesquisa pelos senhores da Casa da Ínsua, uma vez que foram proprietários da Quinta do Mosteiro¹⁰⁷? A casa da Ínsua poderá dispor de património bibliográfico sobre a Ordem do Santo Sepulcro?
- h) Porque existe sempre a mesma invocação: Santa Maria de Águas-Santas? A invocação da Igreja de Penalva é posterior à existência do mosteiro na Maia? Porquê Águas Santas¹⁰⁸?
- i) O Mosteiro de Alpendurada pertenceu algum tempo à Ordem? Havia mais alguma colegiada ou mosteiro em Sezures, ou é confusão com o de Penalva? Havia mais algum Mosteiro “de Vila Nova”, em Viseu, ou é confusão com o de Penalva, também chamado de Vila Nova?
- j) Qual a relação da Ordem com a Igreja de Nossa Senhora do Auxílio, em Lisboa¹⁰⁹?

11 Conclusão

De facto, são muito mais as dúvidas do que as certezas, nesta procura das origens da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém.

Haveria que levantar-se, em termos arquitectónicos, o conjunto ainda existente do Mosteiro de Penalva do Castelo, permitindo a análise detalhada das peças desenhadas. Talvez existam também peças desenhadas do Mosteiro de Águas Santas, na Maia, no IPPAR ou DGEMN apesar de não ser do conhecimento dos serviços técnicos da Câmara Municipal, com quem contactámos.

Faltou a visita ao interior da Igreja de Águas Santas que se encontrava fechada, bem como a comparação com os casos existentes no país vizinho.

Enfim: fica a certeza de faltar percorrer um longo e penoso caminho, mas completamente aliciante, no sentido de se poder ir completando as primeiras páginas da nossa história, sobre as quais a Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém terá certamente uma palavra a dizer.

¹⁰⁵ PASINI-FRASSONI, Comte F., *L'histoire de l'Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*.

¹⁰⁶ Idem, p.9.

¹⁰⁷ VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*.

¹⁰⁸ Existe a lenda em Águas Santas, na Maia, da fonte dos cavaleiros, cuja água conferia invencibilidade... informação fornecida pelo Sr. Eng. Maia Marques técnico da Câmara Municipal da Maia.

¹⁰⁹ Sobre uma área de 18000m2 de terreno doado à Congregação Salesiana de Dom Bosco, pelo Marquês de Liveri, em 1899, cuja estampa aparece em PASINI-FRASSONI, Comte F., *L'histoire de l'Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*.

12 Fontes e Bibliografia

12.1 Fontes

12.1.1 Icononímicas

O levantamento topográfico foi gentilmente facultado pelo actual proprietário Sr. Francisco Assis Gomes de Lemos, e trabalhado pela autora no sentido de facilitar a sua compreensão.

12.2 Bibliografia

12.2.1 Livros

À descoberta de Portugal, Lisboa, Difusão Cultural, 1982.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, volume I e II, Porto-Lisboa, Livraria Civilização-Editora, 1968.

ANTON, Capitel, *La arquitectura del pátio*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SA, 2005.

BRAUNFELS, Wolfgang, *Arquitectura monacal en occidente*, Barcelona, Barral Editores, S. A., 1974.

DIAS, José Simões, *Portugal e Possessões*, s/l, s/e, 1883.

Dicionário de História religiosa de Portugal (volume J-P), Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Direcção de Carlos Moreira de Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2001.

ELIADE, Mircea, *Tratado de História das Religiões*, Lisboa, Edições Cosmos, Colecção Coordenadas, 1970.

GONÇALVES, António Nogueira, *Novas hipóteses acerca da arquitectura românica de Coimbra*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1938.

História religiosa de Portugal (volume I), Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Direcção de Carlos Moreira de Azevedo, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2000.

Instituto (O). Índices ideográfico e onomástico (volumes 1º a 90º), Figueira da Foz, Tipografia Popular, 1937.

La Orden del Santo Sepulcro, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

LEITE, Fernando Barbosa Barros, *Concelho de Penalva do Castelo. Recolha bibliográfica / Contributo para uma monografia*, Penalva do Castelo, Câmara Municipal de Penalva do Castelo, 1997.

PASINI-FRASSONI, Comte F., *L’histoire de l’Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*, Rome, Collège Héraldique, Institut Héraldique Romain, 1908.

Teoria da Arquitectura. Do renascimento aos nossos dias, Colónia, Taschen, 2003.

VALENTE, Vasco, *A Ordem do Santo Sepulcro em Portugal (notas para a sua história)*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, Lda., 1924.

12.2.2 Publicações periódicas

Ilustração Moderna, Porto.

Panorama (O), Lisboa.

Pentacruz, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005.

12.2.3 Artigos

A igreja românica de Santiago d’Antas (Concelho de Vila Nova de Famalicão), “Ilustração Moderna”, 4ºano, número 31, Porto, 1929, p.294-298.

A Ordem Beneditina em Portugal, “Ilustração Moderna”, 4ºano, número 33, Porto, 1929, p.346-353.

As cruzadas, “O Panorama”, volume 2º, Lisboa, 1838, p.85-86.

Breve resenha da presença da Ordem de Cavalaria e Militar do Santo Sepulcro de Jerusalém em Portugal, “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.31-47.

Camino de Santiago: Torres del Rio y los caballeros sepulcristas, (Valeriano Ordóñez), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.139-169.

Castillos y conjuntos urbanos en los antiguos señorios de la Orden del Santo Sepulcro en Aragón, (Cristóbal Guitart y Aparicio), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p. 233-238.

Cavalaria e Ordens de Cavalaria. Justificação histórica e actual, (Eduardo Norte Santos Silva), “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.49-56.

Comunicação do Lugar-Tenente aos cavaleiros e damas da Lugar-Tenência de Portugal sobre a consulta de 2003, (Conde de Rezende), “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.87-91.

Directivas para a renovação da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, no advento do terceiro milénio, “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.95-136.

Directivas para a renovação da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, no advento do terceiro milénio, “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.95-136.

Discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II aos cavaleiros e damas da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.21-22.

El Claustro del Santo Sepulcro de Calatayud, (Agustín SanMiguel Mateo), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.281-292.

El Santo Sepulcro en los anales de Eutichio Patriarca de Alejandria (877-940), (Heliodoro Morales), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.129-138.

Grão Mestre de Malta/Cavaleiro templário, “O Panorama”, volume 2º, série 2ª, Lisboa, 1843, p.393-394.

Historia de la Orden de Canonessas Regulares del Santo Sepulcro, (Imelda Brenninkmeyer), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.303-310.

Introducción a la simbología y la heráldica de la Orden del Santo Sepulcro, (Manuel Monreal Casamayor), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.245-254.

Jerusalém - O Santo Sepulcro, “O Panorama”, volume 2º, Lisboa, 1838, p.105 a 107.

La Aplicación de la Reforma Tridentina en el Monasterio del Santo Sepulcro de Zaragoza, (Isidoro Miguel García), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.109-126.

La Arquitectura de la Orden del Santo Sepulcro en Navarra. Estado de la cuestión, (Emilio Quintanilla Martinez), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.273-280.

La Basílica del Santo Sepulcro, (Florentino Díez Fernández), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.349-356.

La espiritualidad de las canonisas regulares del Santo Sepulcro, (Alix Van Bragt), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.295-301.

La Orden del Santo Sepulcro y el arte mudejar: Nuestra Señora de Tobed, (Caty Gallardo Molina), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.221-232.

La Orden del Santo Sepulcro y la vida comum segun San Agustin, (Luís Casado Espinosa), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.311-321.

La vocación al Santo Sepulcro en Cataluña: monasterios, iglesias y advocaciones, (Josefina Arribas Vinuesa), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.207-220.

Monumentos nacionais antigos / Igreja de Santa Maria d' Águas Santas, (Manoel Bernardes Branco), “O Panorama”, volume XVI, 1º da 5ª série, Lisboa, 1866, p.225-226.

Portugal Pitoresco, “Ilustração Portuguesa”, 2ª série, 1º semestre, Lisboa, 1918, p.198.

Relación del Cristo yacente del monasterio de la Resurrección de Zaragoza, con la Sábana Santa o de Turín, (Braulio Manzano Martín), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.239-244.

Terra Santa Querida e Martirizada, (Padre António Pereira da Silva), “Pentacruz”, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005, p.61-75.

Vida cotidiana en un monasterio de clausura, (Francesc Llop i Bayo), “La Orden del Santo Sepulcro. I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991, p.323-329.

12.2.4 INTERNET

www.jf-aguassantas.org/toponimo.htm, 26 de Novembro 2005, 23.50h.

IMAGENS

1 As origens da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém

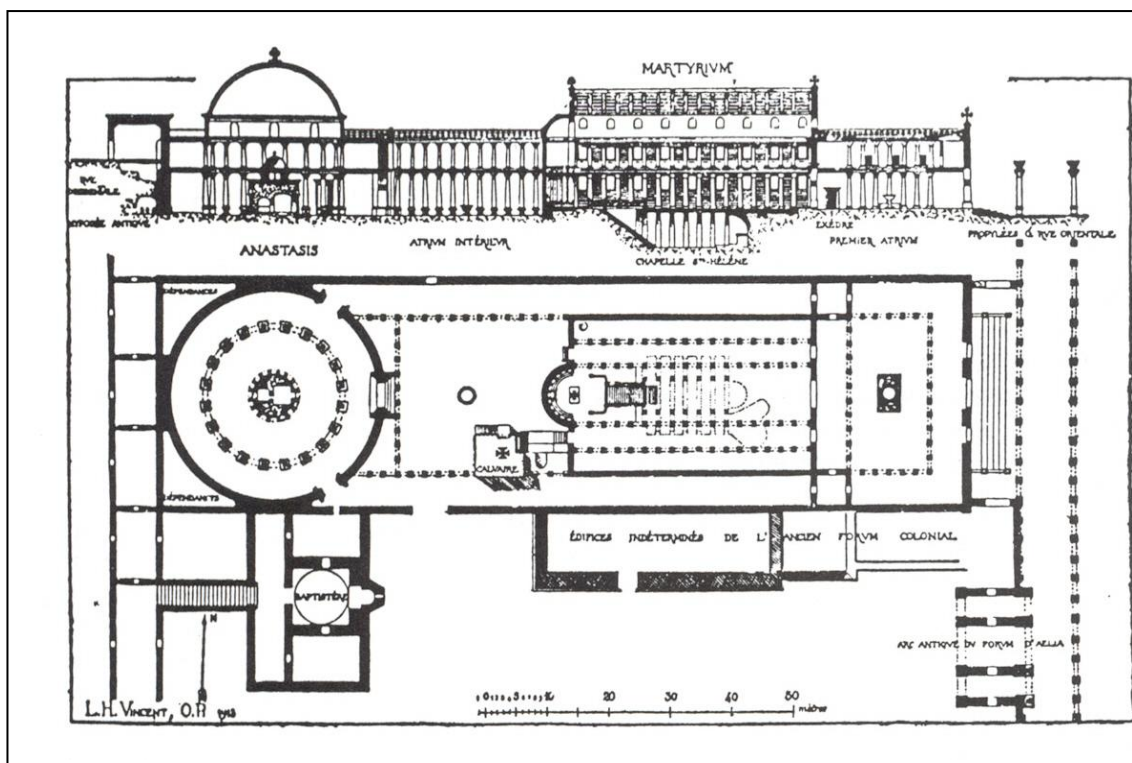


Ilustração 1: Planta da basílica constantiniana sobre o túmulo de Cristo, em Jerusalém, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.



Ilustração 2: A instituição da Ordem do Santo Sepulcro por Godofredo de Bouillon, em PASINI-FRASSONI, Comte F., *L'histoire de l'Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*, Rome, Collège Héraldique, Institut Héraldique Romain, 1908.

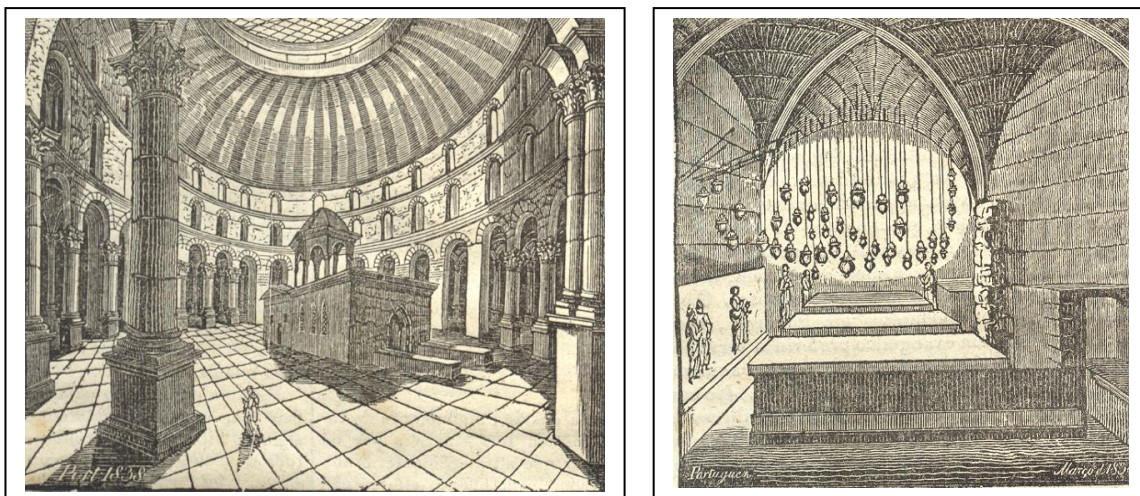


Ilustração 3: O Santo Sepulcro, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.



Ilustração 4: Cavaleiro do Santo Sepulcro e cavaleiro templário. O segundo extraído de *Grão Mestre de Malta/Cavaleiro templário*, “O Panorama”, volume 2º, série 2ª, Lisboa, 1843, p.393-394. O primeiro alteração pela autora.



Ilustração 5: Grão Mestre da Ordem de Malta, em *Grão Mestre de Malta/Cavaleiro templário*, “O Panorama”, volume 2º, série 2ª, Lisboa, 1843, p.393-394.

2 O estabelecimento da Ordem em Portugal

3 Na actualidade, em Portugal e no mundo: a Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém



Ilustração 6: A suprema dignidade da Ordem do Santo Sepulcro é actualmente reservada aos Pontífices, em PASINI-FRASSONI, Comte F., *L'histoire de l'Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*, Rome, Collège Héraldique, Institut Héraldique Romain, 1908.



Ilustração 7: Cónegos, cavaleiros e damas do Santo Sepulcro de Jerusalém, em *Pentacruz*, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005.



Ilustração 8: Ínsignias da Ordem do Santo Sepulcro, em PASINI-FRASSONI, Comte F., *L'histoire de l'Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*, Rome, Collège Héraldique, Institut Héraldique Romain, 1908.

4 A regra de Santo Agostinho



Ilustração 9: Sob a regra de Santo Agostinho, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

5 Ambos os sexos sob a mesma regra



Ilustração 10: A Ordem do Santo Sepulcro no feminino. Lisonja com o símbolo da Ordem em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991. Imagem de cónega em PASINI-FRASSONI, Comte F., *L’histoire de l’Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*, Rome, Collège Héraldique, Institut Héraldique Romain, 1908.

6 Os símbolos da Ordem

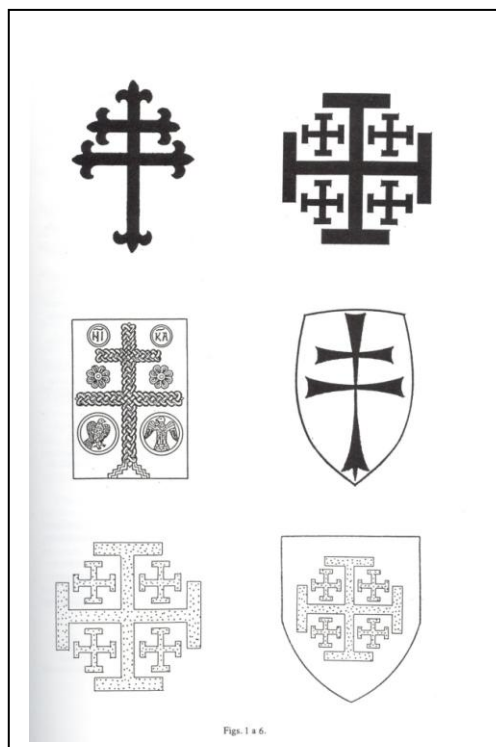


Ilustração 11: Os símbolos da Ordem, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

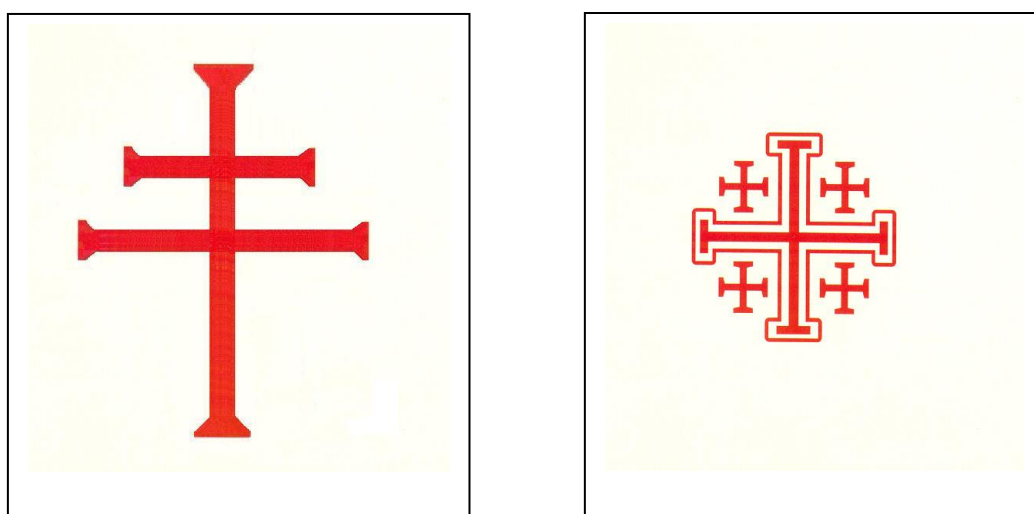


Ilustração 12: A cruz patriarcal e a cruz potencuada de Jerusalém. A segunda em *Pentacruz*, Lisboa, Lugar-Tenência de Portugal da O.C.S.S.J. (Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém), 2005. A primeira foi desenhada pela autora.

7 O património arquitectónico e imobiliário, conhecido, da Ordem, em Portugal: vilas, mosteiros, igrejas e lugares

8 Análise arquitectónica dos principais mosteiros da Ordem do Santo Sepulcro

8.1 Mosteiro de Penalva



Ilustração 13: Fotos da fachada da Igreja de Santa Maria de Águas Santas, do Mosteiro de Penalva do Castelo. Foto da esquerda da autora, e foto da direita gentilmente cedida pelo Sr. Dr. Pedro Pina Nóbrega.



Ilustração 14: Os edifícios do mosteiro estão inseridos num recinto fechado. Fotos da autora.



Ilustração 15: Dentro da cerca. Fotos da autora.



Ilustração 16: Idem.

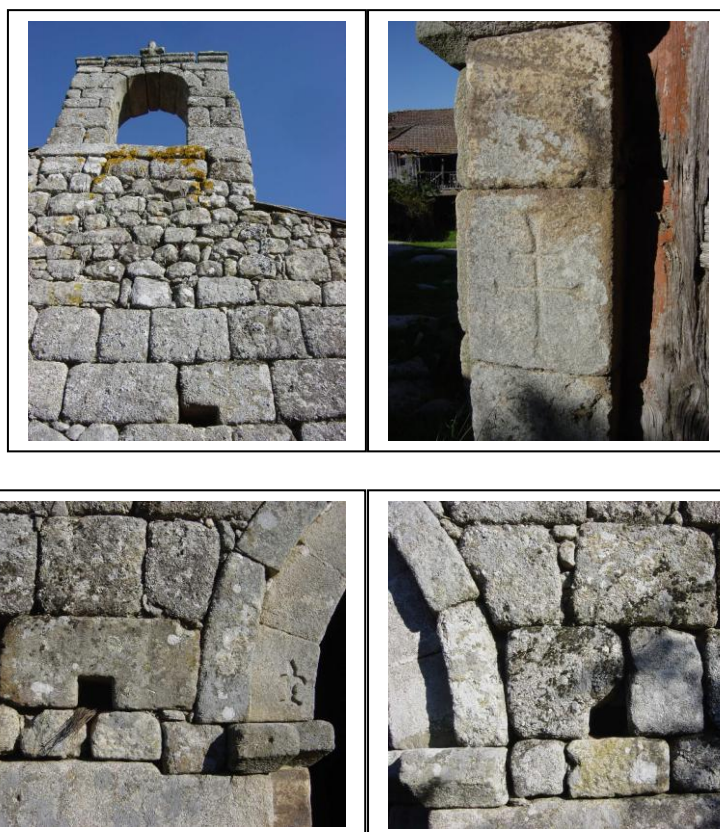


Ilustração 17: Pormenores da fachada da Igreja e a cruz patriarcal no portal. Fotos da autora.



Ilustração 18: Lápides sepulcrais no interior da igreja. Fotos da autora.

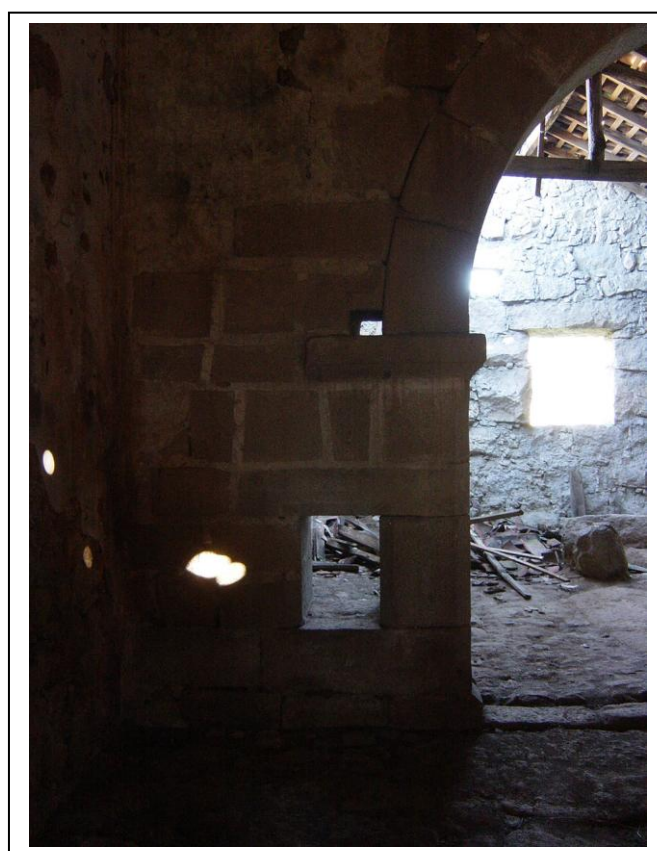


Ilustração 19: Do lado da epístola . Foto da autora.

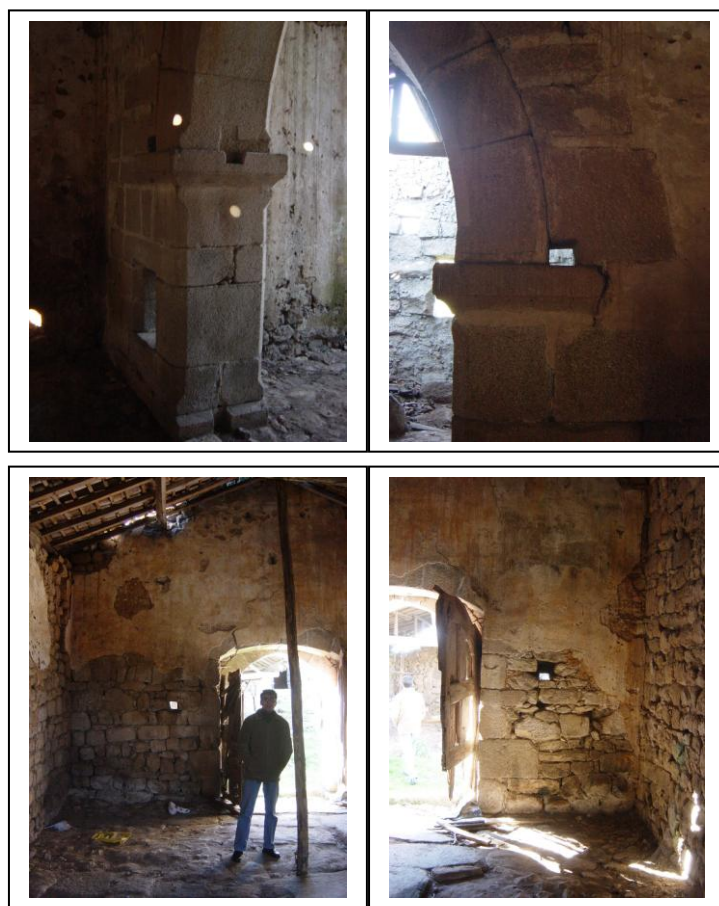


Ilustração 20: Existem curiosos orifícios dentro da igreja. Fotos da autora.



Ilustração 21: A fachada posterior. Fotos da autora.



Ilustração 22: A ponte medieval próxima do mosteiro. Fotos da autora.

8.2 Mosteiro de Águas Santas

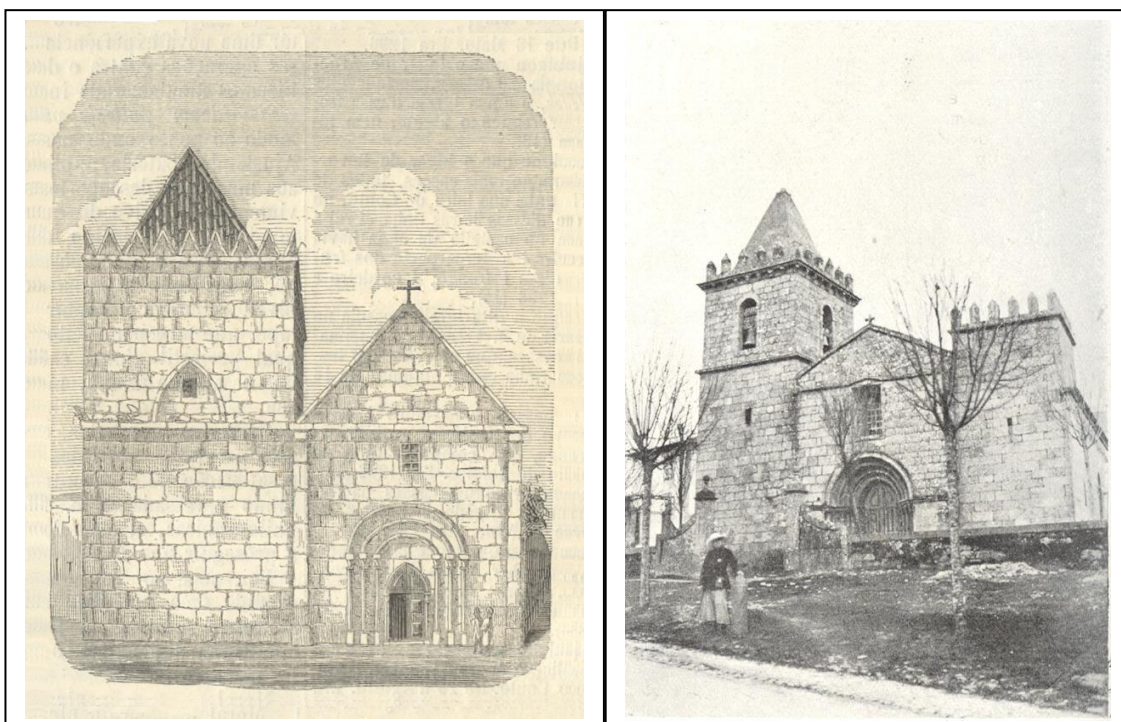


Ilustração 23: Mosteiro de Águas Santas, na Maia, ao longo dos tempos. Ilustração da esquerda em *Monumentos nacionais antigos / Igreja de Santa Maria d' Águas Santas*, (Manoel Bernardes Branco), “O Panorama”, volume XVI, 1º da 5ª série, Lisboa, 1866, p.225-226. Ilustração da direita em *Portugal Pítoresco*, “Ilustração Portuguesa”, 2ª série, 1º semestre, Lisboa, 1918, p.198.



Ilustração 24: Fachada actual da igreja de Águas-Santas, à esquerda. E fachada da Igreja de Santiago de Antas, à direita, para comparação. Fotos da autora.



Ilustração 25: Onde era a antiga fonte dos cavaleiros. Foto da autora.



Ilustração 26: Portais de Águas-Santas (esquerda) e Santiago de Antas (direita). Fotos da autora.



Ilustração 27: Comparação dos pormenores dos portais de Águas Santas (esquerda) e Santiago de Antas (direita). Fotos da autora.

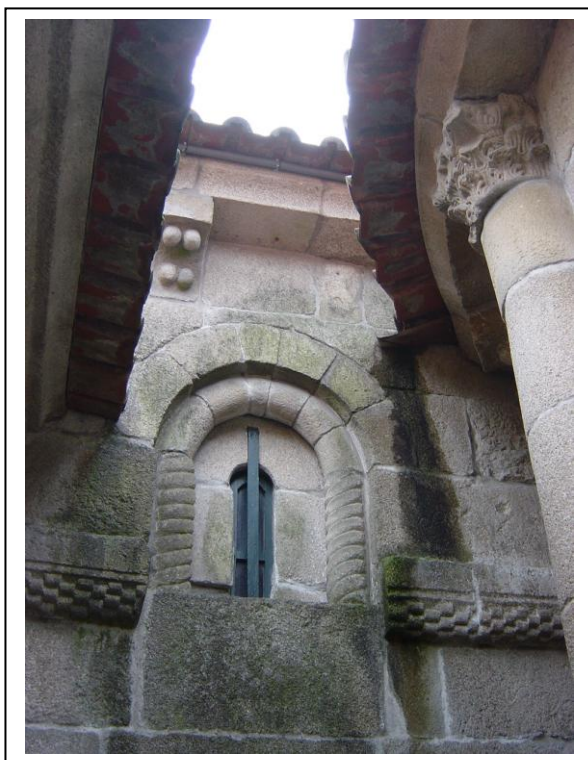


Ilustração 28: Uma janela e a cruz patriarcal na Igreja de Águas Santas. Fotos da autora.

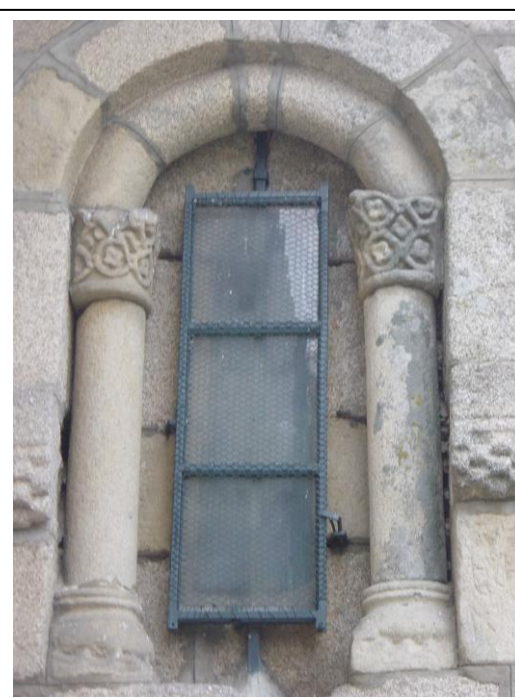
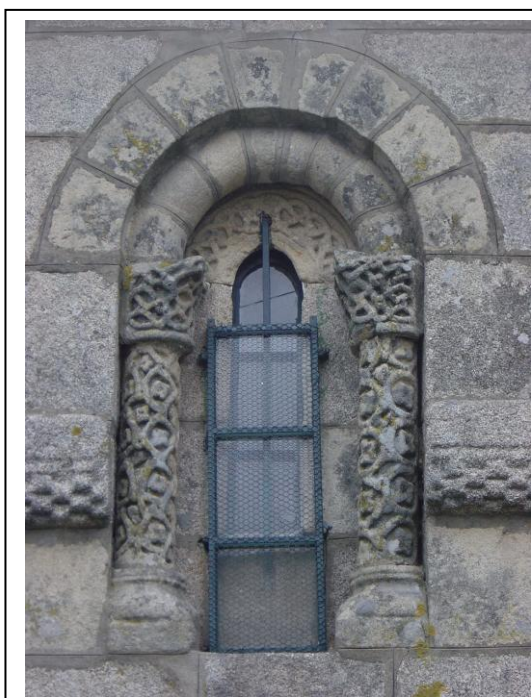


Ilustração 29: Pormenores de janelas em Águas Santas. Fotos da autora.



Ilustração 30: Pormenores em Águas Santas. Fotos da autora.



Ilustração 31: Idem.

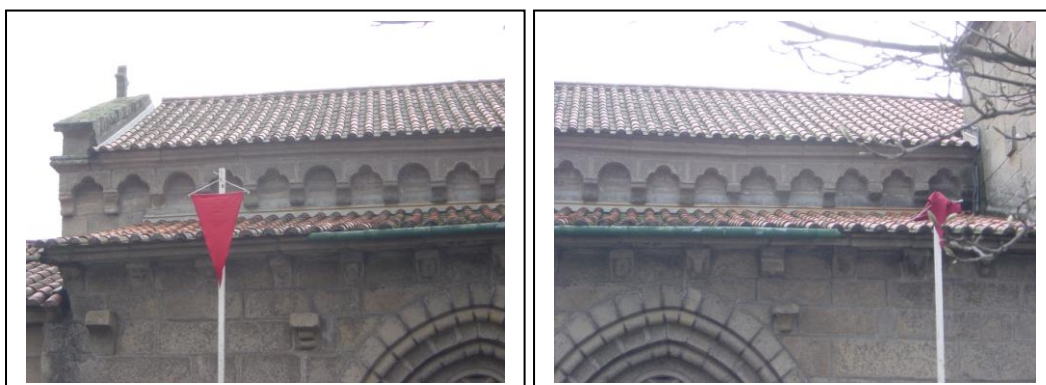


Ilustração 32: Idem.

9 Arte e arquitectura das ordens monásticas sob a regra de Santo Agostinho, em particular a Ordem do Santo Sepulcro

8.1. Uma escultura de Cristo jacente

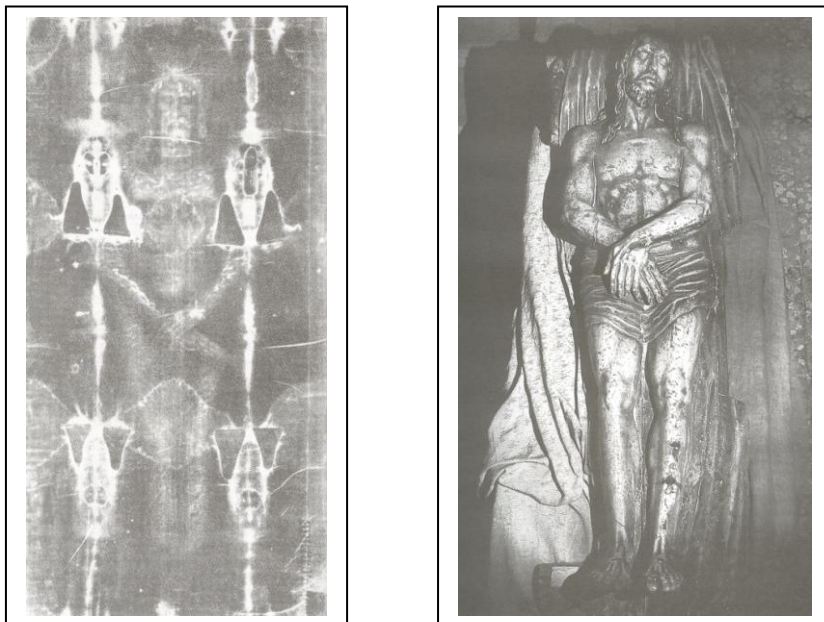


Ilustração 33: Santo Sudário de Turim e escultura do Mosteiro da Ressurreição em Saragoça, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

8.1. Um claustro da Ordem

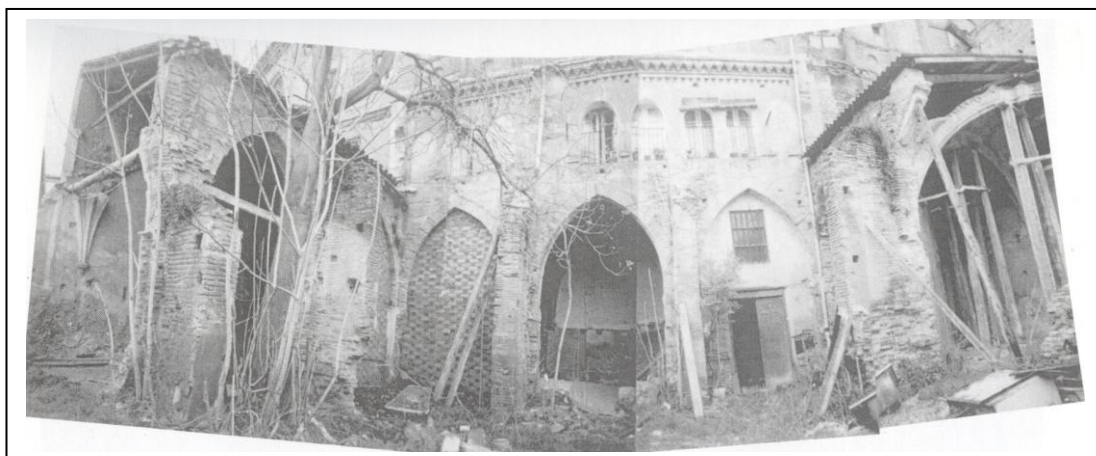


Ilustração 34: Um claustro da Ordem na Colegiada do Santo Sepulcro de Calatayud, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

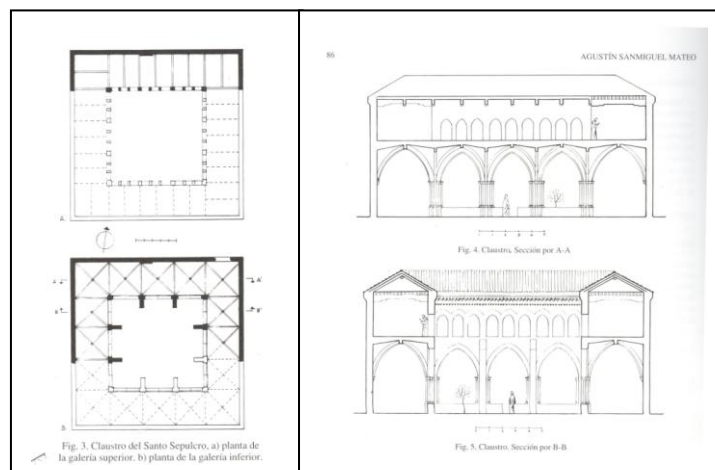


Ilustração 35: Plantas e cortes do mesmo claustro da ilustração anterior, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

8.2. A arte mudéjar na Ordem: abertura a influências externas?

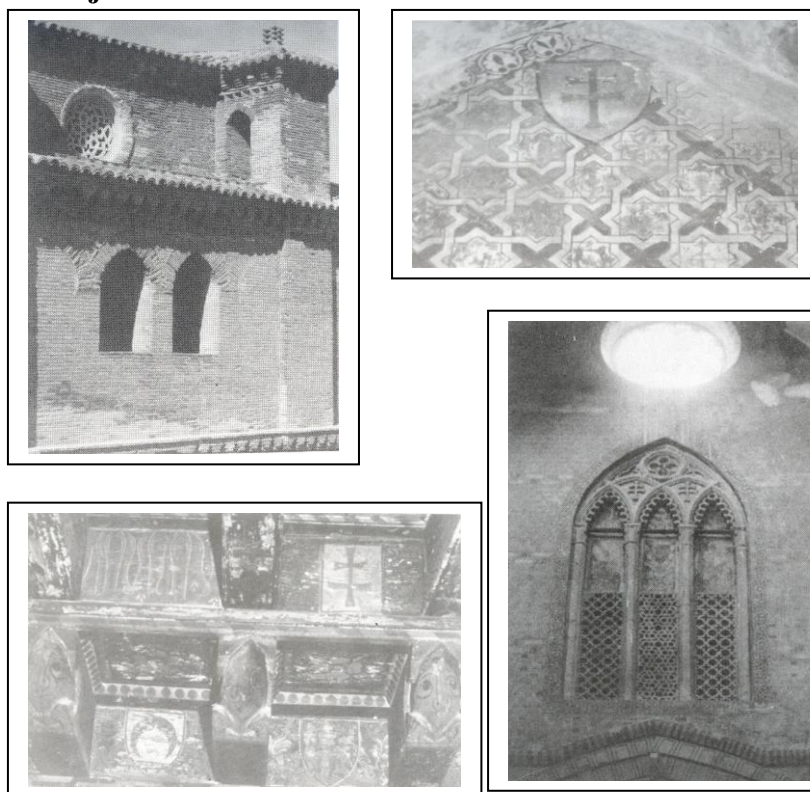


Ilustração 36: Nossa Senhora de Tobed, em Aragão, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

**8.3. Tipos distintos de arquitectura da Ordem: planta centralizada.
Regionalismos ou influências da basílica constantiniana?**

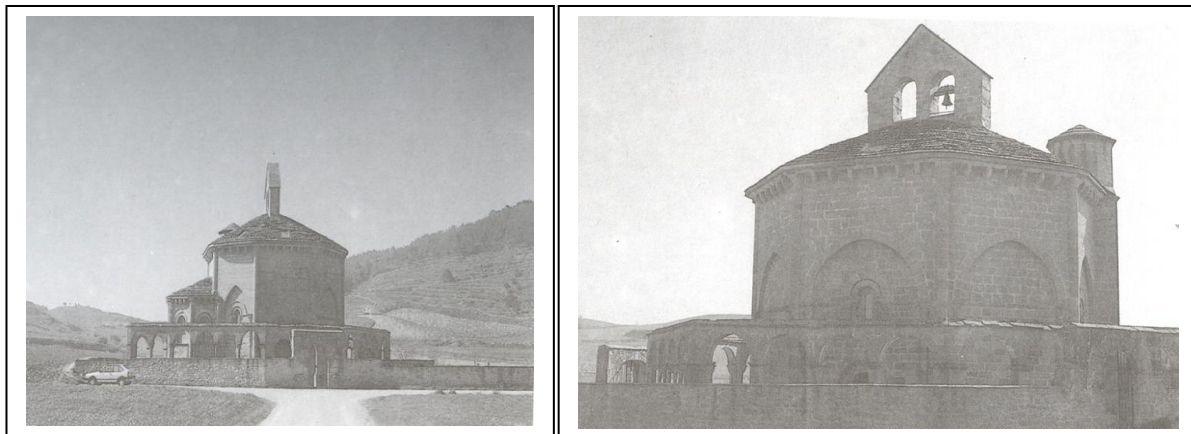


Ilustração 37: Igreja do Santo Sepulcro de Torres do Rio e Igreja de Santa Maria de Eunate, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

8.4. Castelos e conjuntos urbanos nos antigos senhorios da Ordem



Ilustração 38: Castelos da Ordem em Nuévalos e Torralba dos Frades, em *La Orden del Santo Sepulcro*, “I Jornadas de Estudio”, Calatayud-Saragoza, 1991.

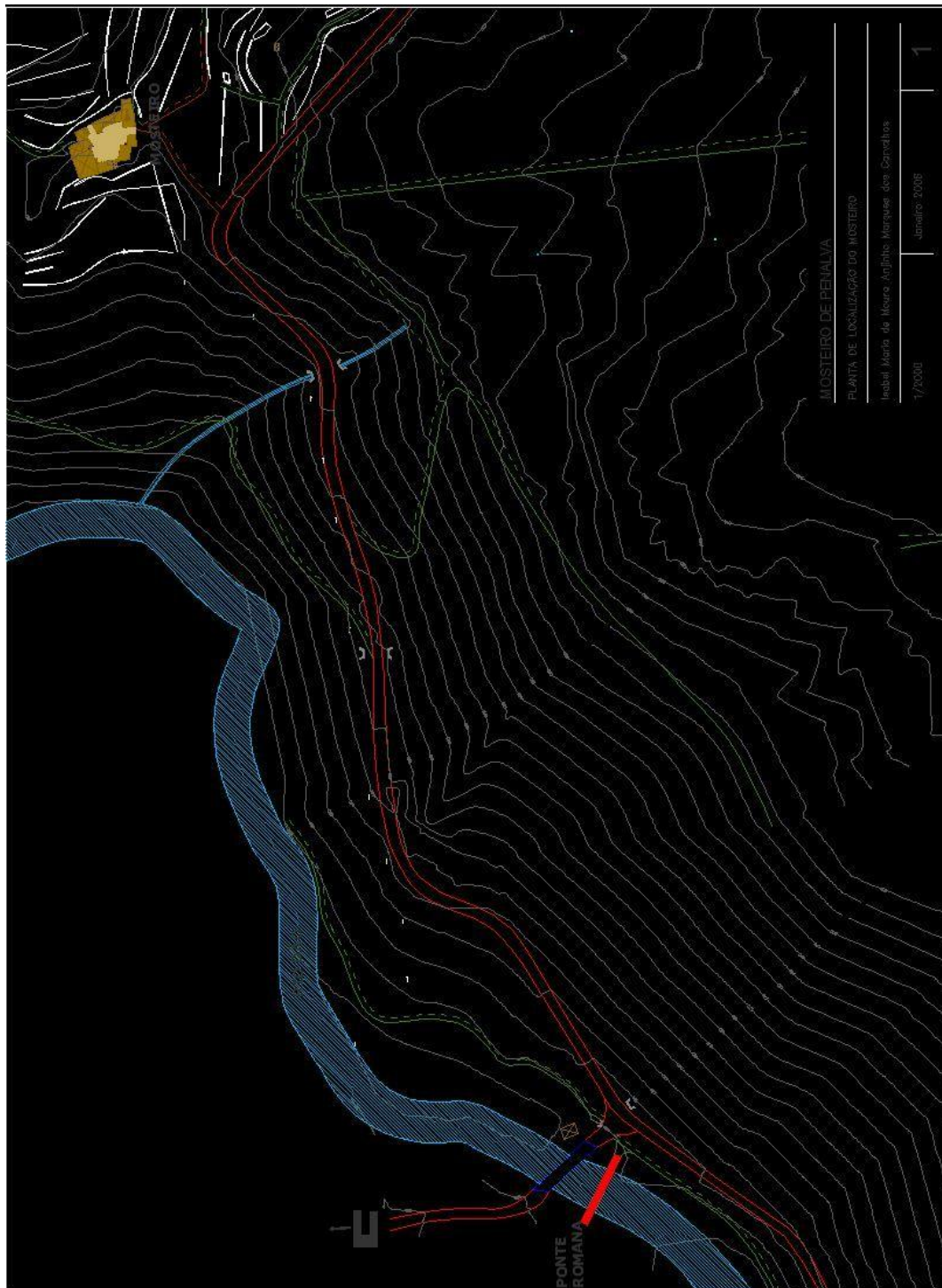
10 Interrogações



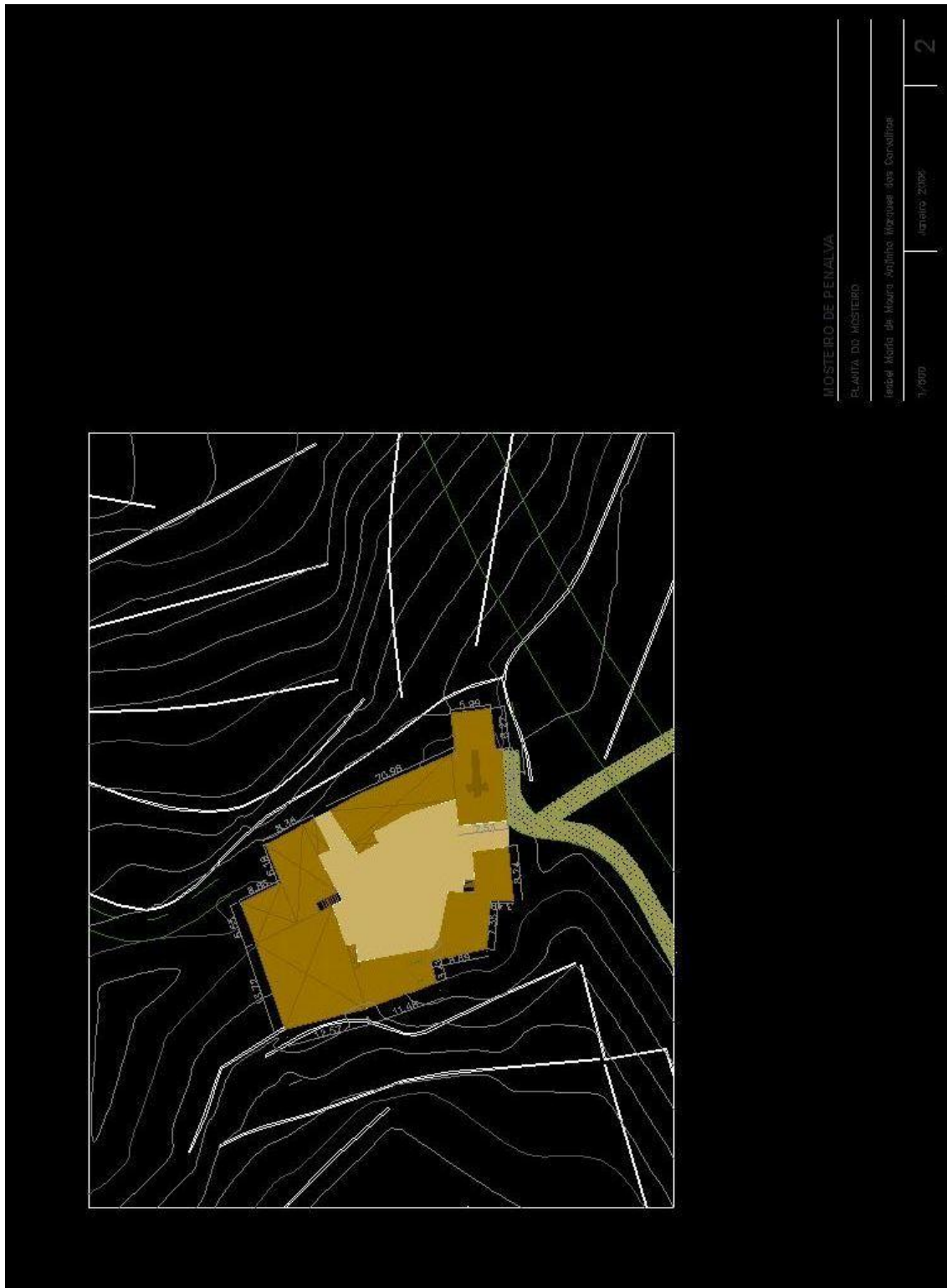
Ilustração 39: Igreja de Nossa Senhora do Auxílio, em Lisboa, Oficinas e Internato de S. José, em PASINI-FRASSONI, Comte F., *L'histoire de l'Ordre Militaire du Saint-Sépulcre de Jérusalem*, Rome, Collège Héraldique, Institut Héraldique Romain, 1908.

11 Conclusão

PLANTAS



Planta 1: Planta de localização do mosteiro de Penalva.



Planta 2: Planta de implantação do mosteiro de Penalva.



Planta 3: Planta de coberturas do mosteiro de Penalva.